

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Guajajara 359
 Data: 15/11/92 Pg.: 22

GUAJAJARAS

Comissão começa a discutir amanhã retirada dos brancos

Ministro da Justiça pede solução definitiva para a questão em um mês

ANTONIO MARCELLO

BRASÍLIA — “Movimento nosso não foi ato de violência, feito para matar ninguém, foi para todo mundo conhecer o sofrimento nosso.” A frase, do índio Genildo Guajajara, foi dirigida ao ministro da Justiça, Maurício Corrêa, em reunião terça-feira, que permitiu a liberação dos cerca de 80 reféns mantidos pelos índios na reserva Canabrava-Gujajara, a 60 km de Barra do Corda, no Maranhão.

Os índios libertaram os reféns em troca da assinatura de um compromisso, por Corrêa, de que uma comissão terá 30 dias para resolver definitivamente a questão que os aflige: a presença, dentro de sua reserva, de um povoado de brancos, São Pedro dos Cacetes. Amanhã, a comissão, com representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Funai, do Ministério da Justiça e do Conselho do Indigenista Missionário (Cimi), vai ao local para iniciar a discussão sobre a remoção do povoado São Pedro dos Cacetes.

O problema da reserva guajajara existe há mais de 50 anos. Na década de 30, foram iniciados os trabalhos para a demarcação da reserva, que só foi homologada pela Presidência da República em 1978. Nesse período, brancos chegaram à região e criaram os povoados de Alto Alegre e São Pedro dos Cacetes. A aridez da região e seus poucos recursos não permitiram uma convivência calma entre índios e brancos. Sucessivas crises levaram o governo, em 1979, a decidir pela retirada dos brancos. Mas, dos Cr\$ 160 milhões enviados para a mudança, somente Cr\$ 15 milhões foram realmente destinados à tarefa, que não



Edvaldo Ferreira/Agência Globo

Paz sem cachimbo

Os índios e Corrêa (o segundo, da dir. para a esq.): proposta do ministro foi recebida com ceticismo

foi executada; o restante, não se sabe até hoje onde foi parar.

Corrêa teve a oportunidade de ver a situação de penúria dos guajajaras. Decidido a libertar os reféns a qualquer custo — chegou a dizer ao presidente da Funai, Sydney Possuelo, que aceitaria até ficar no lugar deles —, o ministro foi à aldeia Coquinho, acompanhado do governador Edison Lobão que, relutante, tentou por diversas vezes demovê-lo da idéia da visita. Corrêa conversou com caciques, mulheres e crianças. Reuniu todos em um galpão para dizer que o Ministério da Justiça colocou a questão do índio como prioridade.

Sorriso amarelo — Libertados os reféns, Corrêa percebeu que o governador Lobão havia entrado na reserva acompanhado de dois batalhões da tropa de choque da PM, cerca de 60 homens. O ministro, acompanhado por quatro agentes da

Policia Federal, chamou a atenção do governador na frente de índios, assessores e jornalistas: “Lobão, eu vou ficar aqui plantado até que você saia e retire todos seus homens daqui”. O governador sorriu amarelo, tentou argumentar, mas foi inútil. Deu ordens para que a tropa se retirasse e saiu da aldeia. Posteriormente, Corrêa criticou asperamente a atitude de Lobão que, para ele, poderia criar uma situação de conflito num momento em que a crise estava superada.

A atitude de Corrêa ajudou a quebrar um pouco a desconfiança dos guajajaras que, apesar disso, mantêm suas reservas quanto à eficácia da comissão criada, que deve começar a trabalhar nesta segunda-feira. “A gente precisa primeiro ver, para depois acreditar de verdade.” A frase de um velho guajajara, dita a um dos reféns que o procurou para se despedir, resume o sentimento na reserva.